

VICO NA HISTÓRIA DAS IDEIAS ESTÉTICAS

Antes de começar a exposição dêste trabalho, quero evocar, perante V. Ex.^{as} o primeiro português que, de meu conhecimento, tratou com adequada atenção a personalidade de que me vou ocupar. Foi o falecido professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Dr. Silva Cordeiro, no livro *Ensaio de Filosofia da História*, publicado em 1882, quando êle ainda era escolar de Direito em Coimbra.

Que esta rápida lembrança do seu nome e da obra em que, apesar da prematura idade em que a escreveu, estão vincados os traços dos talentos excepcionais que todos os seus discípulos admirámos, seja a nossa homenagem a um dos homens que, entre nós, melhor souberam elevar a dignidade da cátedra.

Giambattista Vico abre o século XVIII com um esforço especulativo tão rico de sugestões e tão renovador de ideias, que nem cabe numa conferência dêle dar uma ideia aproximada, nem a um professor de literatura deveria incumbir a tarefa de a fazer. Se, acedendo ao honroso convite do distinto Director do Instituto Italiano, assumi o encargo de falar ácerca do filósofo, é porque, entre o legado opulentíssimo de

ideias que sobre a filosofia do direito e da história dêle recebemos, confio que V. Ex.^{as} nada mais exigirão de mim do que o rápido inventário crítico, a mais fácil alcance do professor de literatura, das que, com tanta originalidade e poder renovador, produziu sobre poesia e linguagem.

Quando Vico, no começo de setecentos, assume a regência da modesta cadeira de retórica da Universidade de Nápoles, era o mundo latino quasi todo dominado pelo pensamento cartesiano. Digo *quasi todo*, porque dêle, ao menos, se excluíam Portugal e Espanha, onde a Escolástica tinha erguido reduto que só abandonaria na segunda metade do mesmo século.

Descartes, que surge logo após o Renascimento, representa, melhor do que ninguém, a confiança na luz de uma razão que o século XVI emancipara e enriquecera com tôdas as opulências da cultura e da experiência. Como no propósito de com mais eloquente evidência afirmar dela a quasi onnipotente capacidade, dir-se-ia ter aniquilado o universo como sistema de representações, para de novo o criar em cosmos de mais solidez na consciência. Fez tábua rasa da realidade exterior como interior, e foi sobre a verdade intuitiva da própria actividade da consciência — *cogito* — que da indefinida cadeia êle reconstitue — *more geometrico* — o primeiro elo, a verdade fundamental — *ergo sum*.

Era, na verdade, toda a especulação do autor do *Discours de la Méthode* articulada pelo processo geo-

métrico, por percepções claras e distintas, inferências imediatas, nenhuma assentando senão sobre evidências, como, quem caminha, para lá do nevoeiro, que espessamente cobre o vale, por cima de uma clara e fria cumeada, entre o azul do céu e o resplendor da neve. O que fica por sob a cerração que a ladeia, não interessa o filósofo francês. E de aí o seu desprezo por tôdas as ciências ou disciplinas em que a razão não possa partir de uma evidência ao encontro de outra evidência. Envolve êsse desprezo as ciências morais e históricas, que tantas vezes invocam a falibilidade dos testemunhos humanos, as ciências da natureza não redutíveis ao mensurável da matemática, tôda a erudição de que o tempo fazia gala. Turvas ilusões, visões confusas, para êle, as ciências que hoje chamamos filológicas — as relativas à expressão lingüística e às várias formas que ela reveste, tanto como ao seu conteúdo erudito e histórico; tudo isso, para o filósofo francês, são nugas próprias de espíritos vãos ou débeis.

Esta exigência de claridade racional, culminando na metafísica, estende-se, afinal, a tôda a actividade do espírito. E a própria literatura do tempo, ou seja elaborada em obras de imaginação ou se teorize em cânones estéticos, uma tragédia de Corneille ou mesmo de Racine, uma fábula de Lafontaine ou mesmo um pensamento de Pascal, uma oração de Bossuet ou até uma comédia de Molière, tal como uma crítica do autor da *Arte Poética*, de Rapin ou de Bouhours — tudo constitui, quando não um acto de obediência à razão, ao menos um apêlo para ela,

uma lamentação ou uma revolta suscitada pelo desvio das suas normas:

*Aimez donc la raison; que toujours vos écrits
Empruntent d'elle seule et leur lustre et leur prix.*

A razão do homem reflecte, na filosofia do tempo, a razão de Deus, que onnipotentemente ordenou e hierarquizou o *grande cosmos*, como o *pequeno cosmos* que é o homem. Assim, em tôdas as criações humanas — *humanas* na mais alta dignidade da palavra, cumpre que ela esplenda sem sombras. Aquelas em que tal não sucede, ou são anomalias, aspectos de sub-humanidade que não podem interessar, ou ainda não emergiram a banhar-se na luz — e convém integrá-las nas normas da vida como nos quadros da lógica. A transformação, por Corneille, do rude Cid do *Cantar* medievo num perfeito cortesão do Rei-Sol, que na *ruelle* de M.^{me} de Rambouillet houvesse adextrado a casuística sentimental com que ennobrece a grandeza moral, tem significado análogo ao das tentativas de gramática *raisonnée* de Port-Royal, com que se procura disciplinar, na rigidez das categorias a-priorísticas, o libérrimo desbordamento imaginoso que cria e permanentemente transforma a língua.

O espírito geométrico *artialise la nature*, como diria Montaigne. Artificializa a natureza — e a vida. No mundo físico como no mundo moral, é o regular que obtém o aplauso e conquista o gôsto. E todo o desespero do pedagogo e do moralista do tempo é

não poder moldar os espíritos e planejar a vida como Le Nôtre modelava as árvores e riscava os jardins. O desprezo do *espírito original*, que aqui e além põe a estridência do seu inconformismo no concêrto quási unânime, tem sentido igual ao da desatenção pela psicologia da criança ou pelo mundo espiritual do primitivo, como do habitante das selvas. O homem plenamente realizado pela civilização, o que melhor parece representar a superação da matéria pelo espírito, e nos traços que o universalizam no tempo como no espaço, eis o objecto da atenção e estudo de filósofos, de literatos, de historiadores, de filólogos, de retóricos.

Mas há duas formas de cultura criada por êste espírito que no-lo revelam com impressionante evidência: — a língua e a poesia.

A língua, pelo seu poder representativo de idéas abstractas, mais do que de realidades concretas, é um nobre instrumento do pensamento, muito próximo da precisão e descolorido da notação algébrica. A poesia constitui a expressão ornada das criações do engenho, em geral distraído da vida, como um jôgo superior do espírito ou, quando dela preocupado, tentando impor-lhe, pelo arranjo da forma como pelo tratamento da matéria, as leis da razão, sem a qual a humanidade se degradava à animalidade desprezível.

*

* *

Vico, professor de retórica, não se afasta, de comêço, desta concepção da linguagem, como da poesia.

Em 1691, o crítico francês Bouhours publicou em Lyon um livro intitulado: *La manière de bien penser dans les ouvrages d'esprit*, logo seguido de uma contradita de Orsi — *Considerazioni sopra un famoso libro francese intitolato etc.*

Que defendia Bouhours no seu livro, de título já de si tão significativo? Naturalmente, a proposição, bem francesa, de que as agudezas são a falsidade na arte; e criticando a *Gerusalemme liberata*, do Tasso, faz consistir os três germes de decadência da arte nestas três formas de affectação: *excesso de sublimidade, excesso de deleite e excesso de delicadeza*. Considera a verdade como a *alma* de um pensamento; o nobre, o deleitoso, o delicado são apenas *ornamentos*. É o natural que é belo. E, como bom francês, repetia a remoque de Boileau sôbre os ornamentos gratos nas duas penínsulas:

... *Laissons, à l'Italie*

De tous ces faux brillants l'éclatante folie.

Contra esta teoria do belo, que o classicismo francês prega e exemplifica, compreende-se que se insurjam escritores de Itália e Espanha, ou seja do país de Marini e do país de Gôngora. Não nos

demoremos na discussão, que é longa e complicada. Lembremos apenas que de tal maneira, no tempo, a lucidez intelectual é prezada, que o contraditor de Bouhours não encontra melhor modo de defender o conceptismo, do que afirmar que por êle se não procura apenas o *agrado do ouvido*, pois que corresponde a uma finíssima *espèculaço do intellecto*.

Vico intervem na discussão, posto que não directamente. Professor de retórica, quis mostrar-se, perante os leitores como perante os alunos, atento às conge-minações dos seus contemporâneos. Os ditos agudos, ou o sejam por via de semelhança (*símbolos*), ou por virtude do inopinado (*paradoxos*), servem-se do belo para exprimir o verdadeiro; «pelo admirável, espectacular da forma, geram o conhecimento; e, sendo esta breve, facilmente o intellecto reconhece o verdadeiro e o engenho reconhece o belo».

Nas agudezas, porém, não dispensava êle a racionalidade. «É preciso que, analisadas, não denunciem uma mente inepta para mais» (1).

Agudeza, assim, é uma coisa séria, um meio rápido e aliciante de expressão do verdadeiro; nisto difere do próprio Peregrini, que, discutindo o mesmo assunto, fazia consistir todo o fim da agudeza no deleite e na graça, para os quais «*non há bisogno necessariamente di realità, anzi tanto più il mirabile è mirabile, quanto ha più d'apparenza e meno di sussistenza*».

(1) E ainda: «Si partibus collatis inepta menti species obliiciatur, indicetis ridicula, non acuta».

Como se vê, está negado por Vico o carácter formalístico, exterior da linguagem figurada, ao mesmo tempo que afirmado, mesmo nos jogos verbais do espírito, a exigência da racional lucidez que o cartesianismo a tudo estendia.

Até aqui, o professor de retórica, bem doutrinado por Aristóteles e Horácio. Vico, porém, tinha envergadura para subir muito além destas discussões sobre os jogos de engenho, ou, se se preferir, para descer a profundidades insondadas, na penumbra misteriosa de que tais jogos emergem. E ei-lo que formula uma primeira afirmação inesperada e fecundíssima em conseqüências:

— É a necessidade de expressão o fundamento dos *tropos*. Derivam êles, não apenas da *semelhança das coisas*, mas da *pobreza das palavras*. A necessidade é mestra de engenhos, na formação da linguagem como em tudo o mais.

Esta afirmação ia de encontro ao que a sua época pensava sobre o assunto. Metáforas, sinédoques, metonímias, antonomásias, hipòtiposis eram, para os seus contemporâneos, ornatos da expressão aristocrática, acreditando da riqueza do engenho como do vocabulário. «Quem poderia admiti-las como formas expressivas impostas pela *pobreza do falar*?

Não o eram então, mas haviam-no sido nos tempos recuados em que tais formas pela primeira vez surgiram — pensava Giambattista Vico.

E eis a crisálida metamorfoseada em borboleta, rompendo o velho casulo. Quero dizer, eis o professor de retórica, nutrido da erudição que Descartes

desprezava, alado em filósofo, que vai levar a luz do seu génio à treva daqueles recuados tempos em que o homem surge para a actividade mental e para a sua expressão pelo verbo.

Ponto de partida — o problema linguístico-estético que trata nas *Institutiones Oratoriae*; e por um caminho onde destaca o livro *De Constantia Jurisprudentiae*, ei-lo que chega à *Seconda Scienza Nuova*, em que a concepção retórico-linguística nos surge aprofundada em psicologia da mente primitiva, de cujos mistérios encontra nesses estudos a chave única.

*

*

*

O professor de retórica, filho de pobre livreiro napolitano e com magríssimo ordenado que não chegava para o desfêgo do seu lar, teve, nos estudos de preparação para o concurso a uma cadeira de jurisprudência, melhor remunerada, o estímulo que sobretudo o activou. Também não foram sem utilidade os trabalhos de arqueologia e história que então se realizavam em busca de primórdios da civilização italiana.

Era necessário, porém, uma zelosa autonomia mental, para que alguém se subtraísse ao magistério filosófico de Descartes — e não por teimosa adesão às soluções tradicionais dos problemas postos, senão por virtude de independente análise e soluções pessoais dos mesmos e outros problemas. Igual autonomia, ânsia igual de aprofundamento na apostasia do

professor de retórica: enquanto os mestres consagrados — Aristóteles ou Horácio — se detinham na florescência das formas de arte, Vico descia ao mistério subterrâneo das suas raízes e da psique a elas prêsa.

Era necessário, sobretudo, que, a confiança que Descartes punha nas possibilidades humanas em ordem ao descobrimento da verdade objectiva, se deslocasse do plano das *abstracções do intellecto* para o *plano das realidades morais*, e que, assim, as *probabilidades da história* se erguessem, pelo menos, à mesma dignidade intelectual das *evidências da geometria*.

Ora, foi uma das inovações da especulação viquiana.

Para o filósofo italiano, a certeza da própria existência, deduzida da actividade do pensamento, não é *ciência*, mas *consciência* — e *consciência vulgar*. Tôda a idéa, por errónea que seja, pode parecer evidente, pelo que a evidência não pode ser o critério da verdade científica.

¿Mas em que consiste a verdade científica? ¿É possível consegui-la com profunda penetração e pleno domínio?

Na solução do problema, evoca o filósofo o que nas escolas é assente: que só Deus, porque é o criador, pode ter o conhecimento pleno da criatura. A condição para conhecer uma coisa é fazê-la — *verum ipsum factum*.

Só Deus pode *intelligere*, ou seja — apreender a verdade *total e una*, nada mais cabendo ao homem

do que *cogitare*, quer dizer — realizar, *fragmentando-a*, o esforço de a conhecer.

Como o meu pensar não gerou o meu ser, não pode conhecê-lo cientificamente; ainda menos pode conhecer as realidades do mundo objectivo, que lhe são muito mais alheias. Assim, do *Mundo da natureza*, nada mais do que probabilidades a minha inteligência pode alcançar — e é com elas que se constitue a metafísica. Tais fundamentos não podem deixar de imprimir a esta a marca da imbecilidade humana, o que, todavia, aos olhos de Vico, lhe não tira o carácter de ciência da mais alta dignidade.

É verdade que uma ciência existe que, de certo modo, nos põe em situação análoga com Deus — a matemática. Porque somos nós próprios os criadores das abstracções e definições de que ela se constitue — números e linhas — é lógico a conheçamos com científica certeza. Atente-se, porém, em que a ciência, aqui, não resulta da evidência do objecto analisado, senão que da sua criação pelo espírito, que o analisa. De onde o espírito, em vez de tirar a orgulhosa conclusão da sua capacidade, mais não pode inferir do que a humilde confissão da sua mesma impotência.

E eis a primeira fase da sua *gnoseologia*, eivada de certo agnosticismo pèssimista, muito pouco estimulador do esforço da indagação.

Todavia em breve o filósofo superou tal attitude.

¿ Pois não é verdade que, ao lado do *mundo da natureza*, existe o *mundo humano*, ou seja — o mundo das realidades que do homem dependem, que são sua

feitura e criação? «La scienza del *mondo umano* — diz êle — procede appunto come la geometria che, mentre sopra i suoi elementi il costruisce o'l contempla, essa stessa si-faccia il mondo delle grandezze; ma con tanto piú di realitá quanta piú ne hanno gli ordini d'intorno alle faccende degli uomini, che non ne hanno punti, linee, superficie e figure».

Assim, pois, há ciências possíveis ao homem, além das matemáticas, e com realidade que elas não comportam: são as ciências morais — a história, a filologia, o direito, porque são criações suas, que êle como recria ao pensá-las, ao evocar os momentos históricos em que as engendrou, ao percorrer os caminhos através dos quais as veio desenvolvendo. Se em *quantidade* o saber divino é infinitamente superior ao saber humano, quanto às ciências morais, são êles fundamentalmente idênticos, na *qualidade* que lhes resulta de uma idêntica relação — a que liga o criador à sua criatura. Eis a nova gnoseologia viquiana, e, senão a determinante, ao menos o apoio filosófico dos novos rumos da sua investigação. Se Descartes funda a ciência do *Mundo da Natureza*, Vico funda a ciência do *Mundo humano*, como êle gostava de dizer. E porque agora o filósofo italiano se aproxima em confiança do francês, também se compreende que, nos processos, dêle absolutamente não difira: Descartes, pela *dúvida metódica*, fez tábua rasa da ciência anterior; Vico ergue a sua *Scienza Nuova* depois de «redursi a uno stato de somma ignoranza, come né filosofia né libro alcuno fossero mai stati al mondo.»

O que, porém, o afasta de Descartes é exactamente aquilo que do filósofo francês afasta o século XVIII, que prefere às suas *verdades da razão*, as *verdades da experiência*. A matemática é uma criação de abstracções e as ciências elaboradas pelo processo matemático são uma interpretação racionalista da realidade, que elas como que esquematizam e esvaziam. Vico não constrói abstractamente. Recolhe, com rica e minuciosa erudição, dados linguísticos e literários, históricos e mitológicos. E para lá do direito e das leis, das línguas e das armas, nas brumas do comêço, é que êle procura surpreender, pelos mitos que nos legou, o homem no momento genésico do pensamento e da linguagem, no início da sua dramática e aventureira evolução.

Eis rehabilitada a erudição, que Descartes, dado o uso que antes de Vico dela se fazia, não sem certa razão desprezara. *Visa et cogitata* — era a fórmula com que Bacon baptizara um livro seu; será o lema da actividade de pesquisa e meditação do italiano, que o considera como um dos mestres do seu pensamento. A filologia não é já o empirismo da busca e colecção de curiosidades linguísticas ou literárias; a história deixa de ser uma inventariação e seriação de factos bem ou mal ligados. Uma e outra são o indício das idéias e sentimentos, dos costumes e instituições que revelam o homem que mais nos interessa — o homem que pensa, sente e cria, o indício das leis que lhe regulam o espírito e a vida em que êste se desdobra. Tácito — confessa-o êle na *Auto-biografia* — inspirou-lhe o amor da *história concreta*, o interesse

pelo homem *tal qual é*; Platão, com a sua doutrina da *esfera inteligível*, das idéas puras, projectando-se na *esfera sensível* em factos da realidade concreta, leva-o a erguer-se do acervo das pesquisas históricas e eruditas, à *storia ideale eterna*. Bacon, por seu turno, homem de pensamento e acção, mais ainda estimula a união do filósofo com o filólogo e historiador, suscitando-o ao simultâneo interesse pelo universal e pelo particular, pela erudição informativa e pela síntese interpretativa.

*

*

*

E eis-nos chegados à última parte desta palestra. Tentemos ver o que Vico encontrou de novo em tais pesquisas de filólogo e congeminacões do filósofo, no mundo das mais subteis, senão mais misteriosas criações do homem — a palavra e a poesia.

E antes de mais, não é preciso encarecer as suas *aspre difficoltà*, para «discendere da queste nostre umane nature ingentilite a quelle affatto fiere ed immani, le quali ci è affatto negato d'imaginare e solamente a gran pena ci è permesso d'intendere».

Tôda uma sólida crôsta de conceitos sôbre o homem, sôbre as suas faculdades e suas criações — linguagem falada ou escrita, poesia ou direito — foi necessário quebrar, para penetrar no fundo misterioso das origens. O homem — permitam V. Ex.^{as} que o lembre — só interessava na fase mais adiantada do seu desenvolvimento — plenamente realizado pela civilização; Vico prescruta o homem no seu

corso e *spiegamento*, ou melhor — nos seus *corsi* e *ricorsi*, pois tal é a sua visão da história.

Sabem V. Ex.^{as} o que eu não tenho tempo de esplanar — que Vico admitiu, no desdobramento da história, três períodos, que indefinidamente se sucedem: a *idade divina*, ou época mitológica, caracterizada pelo sentimento religioso que tudo atribue a potências transcendententes; a esta sucede a *idade dos heróis*, grandes forças de dinamização colectiva; finalmente, vem a *idade humana*, em que a sociedade se constitui em bases humanas, estabelecidas pela lei civil. Exgotadas as virtualidades orgânicas desta fase, novamente se volta, *mutatis mutandis*, à primeira — e assim sucessivamente, segundo leis que Vico foi o primeiro a determinar cientificamente.

Como o homem só interessava na plenitude do seu desenvolvimento, a linguagem, a poesia, o direito, que em tal plenitude teriam sido criados, (se é que Deus, na primeira manhã do paraíso, os não houvesse revelado a Adão), também só em suas formas superiores chamavam a atenção dos sábios.

Vico, pelo contrário, procura segui-las no *spiegamento* que acompanha a evolução do homem, e são sobretudo as formas primitivas da língua como da poesia que êle estuda e interpreta, como se de certo modo elas fôsem a corporização da consciência amanhecente. Assim, em vez do vazio do formalismo aristotélico, ocupa-o a investigação concreta da expressão — e do espírito que nela se traduz. A filologia, pela primeira vez — e imprevistamente — foi chamada a depor sobre os mistérios da história e da psicologia!

Como?

Digamos muito rapidamente como «si scoprono nuovi Principi di mitologia e di etimologia, e si ritrovono le favole e i veri Parlari significare una cosa stessa e essere stato il vocabulario delle prime Nazioni».

O princípio de que «*Nihil est in intellectu quod non prius fuerit in sensu*» encontrou-lhe Vico aplicação na tese da língua como produto natural de lenta evolução do espírito. Na primeira idade da história, a *mitológica*, toda dominada pelo fantástico de uma imaginação sensorial — pelo *senso* —, a comunicação, entre os homens, do *particular* que êles são capazes de apreender faz-se por *actos mudos*, acenos, ou por objectos simbólicos, costume de que ainda hoje persistem vestígios.

Na segunda idade, em que o espírito já se eleva à concepção do *universal fantástico ou poético*, é a linguagem toda fantástica ou poética.

Finalmente, na terceira idade, o espírito está amadurecido para a reflexão, eleva-se ao abstracto e ao universal, e a linguagem por que se exprime é rica, distinta e clara, capaz de traduzir as mais finas subtilezas da análise.

Vico atenta, sobretudo, na linguagem da infância dos povos. Depois da *linguagem muda* — se V. Ex.^{as} perdoam o paradoxo — ou seja da comunicação por sinais — (entre êles os hieroglifos egípcios, que não são misteriosa cabala de iniciados, porque são a espontânea expressão figurada, tão antiga como a própria necessidade de convívio) veio a *onomatopeia*, vieram os primeiros sons articulados, pelos quais

explodiam os sentimentos mais fortes. Seriam, porisso, as interjeições a primeira categoria gramatical, logo seguida das outras, na ordem da complexidade crescente.

Deviam ser sinceros e simples como as crianças, os primeiros homens. O seu falar era figurado como o delas, por «povertá di parlari e necessitá di spiegar si.» A expressão para nós *metafórica* era para elas a *directamente representativa*, a expressão *própria*.

¿Qual a razão das suas metáforas?

— A humaníssima razão de que só podemos conceber o desconhecido segundo as propriedades do já conhecido. Assim, às coisas foram atribuídos movimento como o nosso, sensibilidade e razão como as nossas. Cada metáfora, pois, é uma *picciola favoleta*, como quando dizemos — *o sol assoma no horizonte*, ou, mais simplesmente, os *pés da mesa*, a *ilharga do monte*. «L'uomo ignorante si fá regola dell'Universo e da se stesso ha fatto un intiero Mondo.»

¿Qual a razão de *metonímias* como o *coração salta-me do peito*? — A mesma ainda: — assim como as crianças, recorremos a exprimir o que não compreendemos pelo seu efeito mais sensível. E *sinédoques* como *ferro* em vez de *espada* facilitam a designação da coisa pelo nome genérico dela, quando ignoramos o nome específico. A *personificação* revela a *fôrça fantástica* dos simples, que animam as coisas com os movimentos da própria alma; a *antonomásia* é criada pela inteligência do povo ainda não capaz de abstracção, como quando se dá o nome de *Hércules* a um homem robusto.

Eis um aprofundamento do fenómeno lingüístico, que é simultâneamente um aprofundamento do fenómeno poético. A poesia é espontânea como a linguagem, como ela «nascida da necessidade, ela que até agora todos julgavam provir da deliberação e da arte dos homens» (1). Porisso surge, na infância dos povos, os *poetas teólogos*, como os *teólogos políticos*, estes derivando a lei da vontade dos mitos que a imaginação espontâneamente criou, aqueles deslumbrando e entretendo a mesma imaginação com o fabuloso tecido que sob igual obsessão compõem e recompõem.

Homero é dos primeiros o tipo superior. Floresceu quando os gregos ainda usavam da linguagem poética, antes da escritura. Historiou as tradições gregas. A fábula que conta é uma realidade histórico-psicológica, é o mundo e a vida tal como eram sentidos. Cada um dos seus deuses maiores e menores exprime um fenómeno, um facto, um carácter, um elemento da vida espiritual ou da vida física. Júpiter é o céu trovejando e relampagueando as suas cóleras ou as suas vontades, imenso corpo de protecção ou ameaça: «si finsero il cielo esser un gran corpo animato, che per tal aspetto chiamarono «Giove», il primo dio delle genti dette maggiori, che col fischio dei fulmini e col fragore de' tuoni volesse dir loro qualche cosa».

Eram 3.000 os deuses segundo Varrão. Tantos,

(1) «Necesstate naturae orta, quam hactenus omnes ex hominum consilio et arte natam putarunt».

porventura, como os vocábulos. Isto quer dizer que a todos os elementos da vida espiritual ou física que o interessavam e era preciso designar, o homem via através de si próprio, semelhantes a si próprio, por isso lhes atribuindo uma designação, para nós metafísica, mas na concepção primitiva identificada com a substância do significado, exprimindo o fenómeno tal como era sentido. E como cada um desses deuses conserva na biografia vestígios da realidade que, em inconsciente metaforismo, representava, o seu conjunto dir-se-ia espalhar certa claridade de nebulosa pela treva nocturna dos tempos remotíssimos.

Não digamos assim que o falar dos poetas é artificial e *impróprio*. É tão próprio como o dos prosadores. Nos tempos primitivos, a *sapienza volgare* é expressa pelos poetas fantásticos em formas sensíveis e sintéticas; em tempos de reflexão e crítica, a *sapienza riposta* é traduzida pelos filósofos em formas abstractas e analíticas.

Eis a origem humilde dos *ornatos do estilo*, até então julgados luxo verbal, criado por amadurecido sentimento artístico ou desenvolta finura do engenho.

Mais ainda: a própria estrutura métrica do verso, segundo a interpretação de Vico, longe de ser um voluptuoso artifício da sensibilidade educada, é natural e espontânea, como a própria poesia, resulta de um processo natural de elementos psicológicos. O movimento rítmico do verso heróico, por exemplo, é determinado pelo movimento impetuoso das paixões mais violentas. Quando os gregos, aterrados pela serpente Piton, invocaram Apolo com as palavras

τῷ παιαν, pronunciaram-nas três vezes com a lentidão de quem desmaia de pavor; depois, porque Apolo a tinha morto, o ritmo acelera-se nas aclamações jubilosas, e assim o verso heróico foi primeiro espondeico e depois datílico.

Eis com que novo olhar Vico observou os fenómenos da expressão poética e a ciência da linguagem. Olhar profundo que desce da flor às raízes — e destas à psique humana em que elas mergulham e com que se consubstanciam.

Poesia verdadeira, a espontânea, a grande poesia dos tempos ante-críticos. A reflexão mata aquela fantasia, que transfigura poeticamente a realidade; a riqueza vocabular dispensa o homem do esforço imaginoso da criação expressiva, só conservado pela criança e um pouco pelo inculto. Nesses tempos, a poesia foi educadora de povos, criadora de civilização, fantasia dinâmica, transformando em vida perene seu conteúdo de realidade histórica, de ampla acção social.

Depois, foi deleite do engenho, consciente artifício, actividade meramente lúdica. Então é que ela foi tal como Aristóteles a definiu — imitação consciente, voluntária, artificiosa da realidade. Ante a subtilidade da análise objectiva, o rigor dos métodos científicos, o amortecimento da imaginação, desvanece-se o «il generoso della miglior poesia! La quale no sa spiegarsi che per trasporti; fa sua regola il giu-dizio dei sensi, ed imita e pigne al vivo le cose, i costumi, gli affetti con un fortemente immaginarli e quindi fortemente sentirli.»

* * *

É tempo de terminar. Quanto expus creio que nos habilita a resumir assim o que constitue o legado de pensamento viquiano:

Em primeiro lugar, a importância dada às ciências morais, a reabilitação da erudição, que, de estendal de luxo, foi transformada em material de maravilhosa construção sistemática;

Em segundo lugar, o novo conceito do homem e das formas de civilização que êle cria em seu dinamismo vital e progressivo; conceito evolutivo que provoca o interesse, não tanto pelo homem exterior, actuante, como pelo homem interior, na lenta aprendizagem daquilo que mais o destaca da animalidade e lhe vai dar impulso para todos os progressos — a linguagem e o pensamento;

Em terceiro lugar, no estudo da psique humana, o relêvo dado à fantasia, cuja teoria foi o primeiro a fixar claramente, como com muita razão acentua Benedetto Croce (1);

Em quarto lugar, a novidade, (quázi ainda hoje o é) da sua concepção da linguagem e da poesia, como da filologia que as estuda. Esta não se detém nas formas expressivas, senão que as toma como vestígios da fase da ascensão espiritual do homem, que sobretudo o interessa; do registo empírico das formas se passa à explicação da vida que as animou

(1) O seu livro *La Filosofia de Giambattista Vico* é o mais notável estudo sobre o poeta.

e à tentativa de por elas surpreender as leis por que esta se rege.

Quanto à língua, a lingüística moderna, a própria estilística moderna alemã, de Vosler, Spizer ou Hazfeld não é essencialmente diferente da de Vico. Como estes nossos contemporâneos, êle entendia que a língua e as categorias gramaticais não são uma criação da lógica mas da vida, com ela evoluindo, não se impondo, senão que sujeitas ao seu caprichoso fluir. Ninguém antes dêle havia feito uma observação como esta, que bem podia ser de Vosler, por exemplo, tão atento ao conteúdo ideal das formas de linguagem, ao seu significado pessoal ou colectivo: «Enquanto meditava nas origens da língua latina, notei em muitas palavras dela que não pareciam produzidas pelo uso vulgar do povo, senão que expressivas de íntima cultura».

Pelo que respeita à poesia, objecta Croce a Vico que ela é de todos os tempos, e não apenas da infância dos povos, ou de épocas que dir-se-ia repetir-na, como a época de Dante, mistura paradoxal de finos requintes de sensibilidade e bárbara violência de paixões. *A poesia*, diz o melhor crítico de Vico, *não é um facto histórico, é uma categoria do ideal*.

Reconheçamos, porém, a Vico o mérito de, afastando-se de Aristóteles, tanto quanto se aproxima de nós, conceber a poesia:

1.º Não como linguagem intencionalmente, sãbiamente ornada de imitações embelezadoras da realidade cotidiana, senão como sincera figuração da realidade, qual a visionava a fantasia;

2.º Como expressão tão própria como a prosa; a poesia própria da alma na infância vivamente imaginosa, a prosa própria da alma em que a visão analítica e a esquematização lógica se sobrepõem à imaginação.

¿E não é assim, essencialmente, que hoje o concebemos? Como êle a julgamos uma forma especial, um pouco autónoma, de expressão, correspondente a uma especial forma de sentir. Como êle concebemos o seu ritmo não imposto de fora para dentro, senão como determinado pelo ritmo interior da emoção expressa. E nem Vico, aliás, nega a possibilidade da poesia no nosso tempo de reflexão analítica. Êle não podia, na verdade, conceber como inverosímil que, entre os nossos contemporâneos, naturezas especiais, espontâneamente, que não por aprendizagem, para ela dotadas, realizem uma poesia fundamentalmente análoga à primitiva expressão do real, que não é transposta senão porque o mesmo real é igualmente transposto, por quem, à capacidade da análise lúcida que a educação em todos desenvolve, alia a frescura de visão ingénua que em grau superior ao comum herdou do passado mais remoto.

É sua esta bela imagem:

«I grandi rapidi fiumi si spargono molto dentro il mare e serbano dolci acque portatevi con la violenza del corso.»

HERNANI CIDADE

Professor catedrático da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

A “

Na
del Re
cia. E
dadas
do séc
por m
inclusã
viagen
traduç
liano,
respeit
Lopes
Co
fetta?
curioso
lizou
restan
enviou
Duart
regres
com o
nio di
nária